
LÚCIO CARDOSO E A REVISTA BRANCA

LÚCIO CARDOSO AND THE REVISTA BRANCA

Eduardo Marinho da Silva²⁸

RESUMO: Neste artigo buscaremos recuperar a participação de Lúcio Cardoso na *Revista Branca*, fundada e dirigida por Saldanha Coelho em 1948. Lúcio contribuiu com dois textos para o periódico: o poema "Agora", em 1948; e "O véu da manhã", resenha de um livro de poemas de Elcio Xavier, escritor integrante da revista. Na primeira parte deste artigo buscaremos apresentar as incursões de Lúcio na poesia, como poeta e como crítico. A segunda parte será dedicada à análise da resenha de Lúcio, que nos conduziu ao próprio Elcio Xavier, escritor que participou ativamente do grupo da *Revista Branca* e que prestou um breve depoimento relatando sua participação no periódico, além de rememorar o seu contato com Lúcio Cardoso. Por fim, na terceira parte apresentaremos o poema "Agora", que permanece inédito em livro, seguido de breve análise. Nesta análise, buscaremos estabelecer um diálogo entre o poema de Lúcio e a pintura *A Anunciação*, do pintor italiano Fra Angelico. Além disso, vamos cotejar o poema "Agora" com outros dois poemas homônimos do autor, o primeiro publicado em *Poemas inéditos*; o segundo, recuperado por Ézio Macedo Ribeiro a partir do acervo do escritor e incluído na seção "Poemas Póstumos" da *Poesia completa*.

PALAVRAS-CHAVE: Lúcio Cardoso; Revista Branca; Elcio Xavier; Poesia Brasileira; Poesia Moderna.

ABSTRACT: In this article, we aim to recover Lúcio Cardoso's participation of in *Revista Branca*, founded and directed by Saldanha Coelho in 1948. Lúcio contributed with two texts to the magazine: the poem "Agora" in 1948; and "O véu da manhã", a review of a poetry book written by Elcio Xavier, a writer of the journal. In the first part of this article, we will present Lúcio's incursions into poetry, as a poet and as a critic. The second part will be dedicated to analyses Lúcio's review, which led us to Elcio Xavier himself, a writer who actively participated in the group of *Revista Branca* and who not only gave us a brief testimony reporting his participation in the journal, but also recalled his contact with Lúcio Cardoso. Finally, in the third part, we present the poem "Agora", which remains unpublished, followed by a brief analysis. In this analysis, we will establish a dialogue between the Lúcio's poem and the painting *The Annunciation*, by the Italian painter Fra Angelico. In addition, we will compare the poem "Agora" with two other homonyms poems written by Lúcio Cardoso, the first one published in *Poemas inéditos*; the second one, recovered by Ézio Macedo Ribeiro from the writer's collection and included in the section "Poemas Póstumos" from *Poesia completa*.

KEYWORDS: Lúcio Cardoso, Revista Branca; Elcio Xavier; Poetry; Modern Poetry.

²⁸ Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo – USP. Bolsista Capes. E-mail: marinhoems@gmail.com.

A primeira edição da *Revista Branca*, publicada em 1948, apresentou o conto “Casa de Alena”, marcando para Saldanha Coelho uma dupla estreia: o lançamento de sua revista literária e o seu *début* no mundo da prosa de ficção. Nascido em 1926, José Saldanha da Gama Coelho Pinto tinha apenas 22 anos quando lançou o periódico que, apesar de inspirado na famosa *La Revue Blanche*, tinha inicialmente uma pretensão muito mais modesta: “Partiu de mim a iniciativa de criar um veículo para publicar meus trabalhos e de outros amigos que a meu lado se iniciaram”²⁹. Dentre os nomes que figuram no sumário da primeira edição aparece, misturado aos novos escritores, um outro já experimentado no mundo literário, o mineiro Lúcio Cardoso, que participou da edição de estreia encaminhando para os editores um poema intitulado “Agora”.

Neste artigo buscaremos recuperar a participação de Lúcio Cardoso na *Revista Branca*, tarefa que se mostrou um desafio, especialmente devido às dificuldades de se encontrar todas as edições do periódico, seja em versões digitalizadas ou ainda em edições impressas situadas em arquivos ou acervos públicos. A bibliografia anotada do escritor³⁰ indicava que Lúcio Cardoso havia publicado apenas uma resenha, na edição de dezembro de 1951, com o título “O véu da manhã”, texto que leva o mesmo nome da obra de estreia do escritor Elcio Xavier.

Na primeira parte deste artigo, buscaremos apresentar de forma concisa as incursões de Lúcio Cardoso pelo universo da poesia, seja na sua faceta de poeta, seja ainda na de crítico. Mais conhecido do grande público principalmente pela sua produção em prosa, o escritor publicou apenas dois livros de poesia nos anos 1940, deixando centenas de poemas e alguns textos de crítica de poesia dispersos em seu arquivo particular ou publicados apenas em periódicos. Um destes textos de crítica é justamente a resenha que foi publicada na *Revista Branca*.

A segunda parte será dedicada ao itinerário que percorremos para chegar a esta resenha de Lúcio, que acabou por nos conduzir ao próprio Elcio Xavier, escritor que participou ativamente do grupo da *Revista Branca*, guardando em seu acervo particular algumas edições impressas do periódico. Com 98 anos completados em maio e residindo no município carioca de Bom Jesus do

²⁹ Jornal dos Novos, suplemento d’*A Manhã*. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1949. Nesta edição, o suplemento dirigido por Dinah Silveira de Queiroz apresenta, na seção *Close-Up*, um perfil de Saldanha Coelho, um conto de sua autoria (“Evelina”) e uma crítica de Fausto Cunha à *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*, publicação que marca a entrada da *Revista Branca* nos empreendimentos editoriais.

³⁰ Realizada por Ésio Macedo Ribeiro, a primeira versão da bibliografia anotada foi publicada em 2006, no livro *O riso escuro ou pavão de luto: um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso*. Posteriormente, o crítico corrigiu, atualizou e ampliou-a, publicando-a na *Poesia completa*, edição crítica da obra poética de Lúcio Cardoso, em 2011. Cf. RIBEIRO, Ésio Macedo. *O riso escuro ou pavão de luto: um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso*. São Paulo: Nankin; Edusp, 2006. CARDOSO, Lúcio. *Poesia completa*. Edição crítica de Ésio Macedo Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2011.

Itabapoana, o escritor nos encaminhou um breve depoimento relatando sua participação no periódico dirigido por Saldanha Coelho, além de rememorar a figura de Lúcio Cardoso.

Por fim, na terceira parte apresentaremos o poema “Agora”, que permanece inédito em livro, seguido de breve análise. Nesta análise, buscaremos estabelecer um diálogo entre o poema e a pintura *A Anunciação*, do pintor italiano Fra Angelico. Além disso, vamos cotejar o poema “Agora” com outros dois poemas homônimos do autor, o primeiro publicado em *Poemas inéditos*; o segundo, recuperado por Ésio Macedo Ribeiro a partir do acervo do escritor e incluído na seção “Poemas Póstumos” da *Poesia completa*.

1. LÚCIO CARDOSO: POETA E CRÍTICO DE POESIA

O ano de 1951 foi árduo para Lúcio Cardoso. No mês de março ele havia dado por concluído o primeiro volume de seu diário, iniciado em agosto de 1949. Nos dezoito meses de registro escrito, acompanhamos a sua participação no teatro, com a encenação das peças *O coração delator* e *Angélica*, além da publicação de *O filho pródigo*, que havia sido escrita em 1943 para o Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias do Nascimento. É o momento também de sua incursão no cinema, escrevendo o roteiro, dirigindo e produzindo o filme *A mulher de longe*, que permaneceu inacabado e só recentemente foi recuperado pelo cineasta Luiz Carlos Lacerda. Em 1950 ele havia encerrado sua participação no Suplemento Literário Letras e Artes, do jornal *A manhã* e, no ano seguinte, começou a trabalhar como redator no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Advogados do Rio de Janeiro. À guisa de fechamento do ciclo recoberto pelo diário, Lúcio pondera:

Repasso as páginas, que tanto tédio já me causam. Não tentei me ocultar, nem me fazer melhor do que realmente sou. Nem melhor, nem pior. Se de nem tudo falei, se sobre aquilo que provavelmente constituiria o interesse público mais numeroso calei-me ou apenas sugeri o que devia ser a verdade, é que um arrolamento constante de fatos sempre me pareceu monótono e sem interesse para ninguém. (...) Este *Diário* é uma súplica de remorso e de consciência culpada. (CARDOSO, 2012, pp. 358-359)

Essas zonas de silêncio da qual o autor fala, além de incluir aquilo que ele trata como a “questão sexual”, também se estende para o uso do diário como registro do cotidiano. Ambos os temas comparecem na narrativa, mas as suas linhas de força parecem ser as relações que regem a sua vida literária, a condição do artista e da obra de arte, além de reflexões de matriz religiosa e principalmente existencial. Grande leitor de diários íntimos de artistas e intelectuais, para Lúcio

Cardoso este gênero “[...] não é um processo constante de autoanálise – convenhamos que nem sempre há dentro de nós grandes novidades, já somos tão conhecidos – e sim alguma coisa que participe da invenção. Gênero híbrido, a ser tentado” (CARDOSO, 2012, p. 270). O autor faz poucas referências aos textos de circunstância que estaria escrevendo, mencionando apenas aqueles de maior fôlego, que ocupavam período considerável de seu tempo e contribuíam para reforçar os tormentos criativos e materiais pelos quais passavam os escritores em geral e ele próprio em particular.

A leitura dos diários revela ao leitor um escritor apaixonado pela literatura, imiscuindo as vicissitudes da sua vida às considerações sobre a arte em geral e sobre o fazer literário em particular, servindo como boa fonte de consulta e investigação de seus processos criativos. Polígrafo que se dedicou a diversos gêneros e meios expressivos, Lúcio Cardoso deixou centenas de poemas escritos ainda a serem descobertos pelo público e pela crítica. Esta com frequência continua buscando na sua prosa os elementos para estabelecer as balizes de análise de sua obra em verso. Caso de Manuel Bandeira, por exemplo, que, para falar da poesia do autor na sua *Apresentação da poesia brasileira*, postula: “A expressão mais cabal de Lúcio Cardoso, nascido em Minas Gerais, está nos seus romances e contos, aliás de densa atmosfera poética” (BANDEIRA, 2009, p. 208). Quase quinze anos depois, em uma crítica para a *Folha de São Paulo*, ele confirmou a primeira impressão sobre o autor, mas com uma nuance que já prenuncia uma viragem no seu olhar sobre o conjunto da produção cardosiana: “Não há dúvida: o romancista é maior que o poeta. Mas... o romancista é grande precisamente pelo poeta que o informa” (BANDEIRA, 1960, p. 2).

A produção em verso de Lúcio Cardoso ainda está por ser descoberta, sendo que os trabalhos de Écio Macedo Ribeiro seguem pioneiros tanto pelo feito de reunir a produção édita e inédita do escritor, quanto por buscar traçar as linhas de força de sua poesia. O crítico aponta que boa parte da produção poética do autor foi realizada entre os anos 1930 e 1940, período de grande profusão de movimentos, muitas vezes agrupados em torno de revistas e grupos. Lúcio, no entanto, “[...] caminhou sozinho entre seus pares, criando uma obra que dialoga e se impregna do Romantismo da segunda geração e do Simbolismo, mas também de recursos expressivos propostos por vanguardas como o Expressionismo e o Surrealismo, além do próprio Modernismo (RIBEIRO, 2006, p. 47).

Lúcio Cardoso teve dois livros de poemas publicados em vida. O primeiro reuniu a sua produção dos anos 1930 e na versão manuscrita iria receber o nome de *O riso inútil*. Rebatizado posteriormente de *Poesias*, foi publicado em 1941 pela editora José Olympio. Antes disso ele havia

publicado uma pequena antologia nos *Cadernos da Hora Presente*, periódico literário editado entre os anos 1939 e 1940. Também pela José Olympio, em 1944 foi lançado *Novas poesias*.

Em 1982, seu amigo e mentor Octávio de Faria lançou, pela editora Nova Fronteira, *Poemas inéditos* – edição póstuma que reuniu os poemas encontrados no arquivo do escritor ou dispersos em periódicos e acervos pessoais. Diante da tarefa de organizar uma grande massa de poemas, Octávio segmentou a obra em cinco partes: “Sonetos”, “Em tom de”, “Poesias Dedicadas”, “Poemas Diversos” e “Prosa Poética”. “Poemas Diversos”, por sua vez, foi seccionado em quatro partes: “I. A angústia do poeta”, “II. O mundo angustiado do poeta”, “III. Variações da angústia do poeta” e “IV. Fragmentos e variações”.

Em 2011 foi publicado *Poesia completa*, edição crítica organizada por Écio Macedo Ribeiro. O crítico reuniu os dois livros publicados em vida pelo autor, *Poesias* (1941) e *Novas poesias* (1944), a obra póstuma editada por Octávio de Faria, *Poemas inéditos* (1982), além de centenas de outros poemas situados no arquivo do escritor ou localizados em periódicos ou em acervos pessoais. Além de trazer à luz poemas até então desconhecidos do grande público, a obra de Ribeiro tem o mérito de apresentar um cuidadoso estudo crítico-genético dos poemas de Lúcio Cardoso, apontando as variantes dos textos de forma a fornecer para ao leitor especializado um rico contato com seu processo escritural. Complementa a obra o mais extenso levantamento de fortuna crítica já realizado sobre o autor até hoje, compreendendo a produção de e sobre Lúcio de 1934 a 2010.

Lúcio Cardoso também realizou crítica de poesia, destacando-se o ensaio “A voz de um poeta”, dedicado ao escritor Fernando Pessoa; opúsculos sobre Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias; além de diversos artigos publicados em periódicos e antologias. Traduziu também *O vento da noite*, livro de poesias de Emily Brontë.

*

Passemos agora à contribuição de Lúcio Cardoso para a *Revista Branca*. Em dezembro de 1951 o autor publicou uma resenha sobre o livro de poemas de Elcio Xavier³¹, escritor carioca

³¹ Elcio Xavier nasceu em 3 de maio de 1920 em Bom Jesus do Itabapoana (RJ), município em que reside até hoje. Seu livro de estreia, *O véu da manhã* (1951), foi publicado pela editora Pongetti, com capa de Santa Rosa. A obra ganhou uma segunda edição pela editora O Norte Fluminense, em 2013. É autor também de *Rosaquarium* (1953), segundo livro de poemas que foi publicado já pelo selo *Revista Branca*, que naquela altura já atuava também no mercado da edição de livros.

que participou ativamente do grupo que se constituiu ao redor do periódico dirigido por Saldanha Coelho. Seu livro estreia, *O véu da manhã* (que dá título à resenha de Lúcio) foi publicado no mesmo ano pela editora Pongetti. Por ser um texto de curta extensão, vamos reproduzir aqui a resenha de Lúcio, realizando em seguida uma análise sobre os movimentos de sua crítica:

"O VÉU DA MANHÃ"

Tenho em mãos o livro de estreia de um Poeta. Este grande mistério da Poesia, sobre que já se inclinaram tantos sábios e estudiosos, que tantos aproximam do fenômeno místico e que muitas vezes os próprios poetas não compreendem, tão estranho e profundo é ele, este mistério é sem dúvida o sinal de uma predestinação que neste mundo conta como uma das coisas mais altas. E que seria de nós se os poetas não surgissem de vez em quando, com sua incrível capacidade de sofrer por si e pelos outros, que seria do mundo, se do seu caos confuso e atormentado não surgissem intérpretes que lhe emprestassem uma fórmula única e real, magos que fazem brotar com o simples toque da sua varinha um oceano de espessas e maravilhosas ressonâncias?

Não sei como surgem os poetas, mas sei que quase sempre sua primeira manifestação é um grito de afirmação, um brado de presença através da paisagem e do destino, através do sangue e do sofrimento, olhos pela primeira vez abertos, como o primeiro homem ao sair das mãos de Deus.

O livro desse novo poeta, que é o Sr. Elcio Xavier, chama-se *O Véu da Manhã* - título que me parece extraordinariamente feliz, por sintetizar toda a força de véus que se descerram ante o ímpeto da descoberta e a aparição da luz. Logo no poema que dá início ao livro, vemo-lo afrontar a lenda do próprio destino, dizendo:

Azul da minha alma como a lagoa viva
canta a música do sol e as folhas novas,
banha-te na amplidão de um pensamento
ou no curto espaço do raio desviado.

Penetra, azul, no infinito deste céu macio,
aproxima-te da terra bafejada pelos ventos
ou vela a pedra que o frio embalsamou.
Desce ao abismo alegre das águas
e descansa sobre as transparentes algas da fantasia.

Cobre teus olhos de aroma ou cálices de flor,
nos teus braços estendes as lianas frescas,
no teu corpo sadio desprende o véu da manhã
ah! – e não calces nunca teus pés antes da primeira dor.

Mas se te detiveres ante a onda tumultuosa
ou percorreres o deserto do descontentamento,
não voltes nunca um olhar para o passado,
não sintas nunca a vida que findou.

Toma o teu roteiro claro e definido,
tua estrela jovem como botão de rosa
e espalha nos lábios um franco sorriso,
no coração a eterna e pura juventude
e caminha assim sem jamais duvidar.

Tua estrada é áspera como a da folha agreste,
teus dias enevoados como as horas de agonia,

mas tua sina é mais bela do que a violeta
no desabrochar feliz da manhã de primavera!

Nasceste, azul, para festejar a natureza,
para vibrar na paisagem desfalecida,
para vagar ébrio como os perfumes no ar.

Tua sina é cantar!

Mas o Sr. Elcio Xavier, que possui esta coisa perigosa que é uma grande riqueza verbal, aliada a uma prodigiosa capacidade de inventar imagens, não canta apenas o azul da sua inspiração, mas todas as cores do Universo, desde as verdes colinas, até a pompa rósea e refulgente, bem como as campinas roxas, os céus em fogo, a poeira azul, a chaga escura e o negro sol.

Neste mundo tão intensamente colorido, tudo se abre para a natureza e os seus segredos – e este poeta lírico, que tão bem sabe falar do vento e das trevas, consegue uma nota pessoal e estranha, tocada de não sei que ingenuidade, que dá a sua poesia um aspecto inédito entre nós. Algumas vezes, e de longe, lembra o Sr. Augusto Frederico Schmidt: - é que a compreensão da Poesia que o Sr. Elcio Xavier tem, assemelha-se à revelada pelo cantor da "Estrela Solitária". Para ambos, o poeta, destinado a uma missão superior, possui um caráter excepcional e divino.

Não sei qual a é experiência que este jovem poeta tem da vida e nem qual o seu conhecimento exato das coisas. Mas julgo que, possivelmente, não ignora ele que o verdadeiro quinhão do poeta neste mundo, qualquer que seja sua maneira de pensar, é o sofrimento. Renegá-lo seria trair o que de mais íntimo e belo existe dentro de si. Renegá-lo seria mutilar uma personalidade que nunca poderia vicejar amplamente noutros terrenos da vida. Gostaria, no momento de fechar este artigo, saudar no poeta que acaba de estreitar, um autêntico valor da moderna Poesia Brasileira. É que O Vêtu da Manhã parece-me conter, realmente, algo destinado a marcar o seu aparecimento como um dos acontecimentos literários dos últimos anos.

Lúcio começa a sua análise debruçando-se sobre “o grande mistério da Poesia”, comparando a criação poética ao fenômeno místico, cuja significância por vezes ultrapassa a própria compreensão dos poetas. No início de sua resenha o autor se pergunta:

E que seria de nós se os poetas não surgissem de vez em quando, com sua incrível capacidade de sofrer por si e pelos outros, que seria do mundo, se do seu caos confuso e atormentado não surgissem intérpretes que lhe emprestassem uma fórmula única e real, magos que fazem brotar com o simples toque da sua varinha um oceano de espessas e maravilhosas ressonâncias?

A frase ecoa a definição poundiana que apresenta o poeta como “antena da raça”: “[...] os artistas e os poetas indubitavelmente ficam excitados e ‘superexcitados’ pelas coisas muito antes do público em geral” (POUND, 2006, p. 78). Daí decorre o fato de serem capazes, nas palavras de Lúcio, de captar e de apreender numa “fórmula única e real” o que se apresenta no mundo como “caos confuso e atormentado”. Esta noção de amplificação da capacidade perceptiva faz

ecoar a estrofe de abertura do “Poemas do Colégio Interno”, que abre o livro *Poesias*, de Lúcio Cardoso, que já antecipa o destino do escritor cuja sensibilidade destoa da de seus companheiros de escola:

Nunca eu soubera o segredo da alegria alheia.
Ouvia os risos que enchiam o pátio de recreio
e sofria dessa dor sem nome de sentir a vida
muito mais cedo do que os outros sentem.

Retomando a resenha, Lúcio apresenta o poeta como um intérprete dotado do poder mágico das palavras, valendo-se da inspiração e da pesquisa como habilidades que o permitem transfigurar o real em matéria sensível. No poema de Xavier, transcrito por Lúcio por ocasião da análise, observamos que o eu lírico desdobra-se em um tu lançado na vertigem do mundo – mundo que ganha características sinestésicas e paradoxais (“a música do sol”, o “céu macio”, o “abismo alegre”, os “olhos de aroma”). Nervo latente exposto às sensações, recomenda de si para si: “não calces nunca teus pés antes da primeira dor”.

Neste poema de versos amplos, construído em oito estrofes, o eu lírico vaticina o seu próprio destino, prevendo um percurso que alterna momentos luminosos (“roteiro claro e definido”, guiado pela “estrela jovem”), com períodos de provação e angústia (a “onda tumultuosa”, o “deserto do descontentamento”, ou ainda a “estrada áspera”). Qualquer que seja a senda, o fado é o mesmo: “Tua sina é cantar!”.

Daí decorre a primeira valoração de Lúcio diante do poema de Elcio, ressaltando que a “primeira manifestação [do poeta] é um grito de afirmação, um brado de presença através da paisagem e do destino, através do sangue e do sofrimento”. A paisagem é evocada aqui quando ela já se apresenta transfigurada pela linguagem, em estado de imagem, como as “transparentes algas da fantasia” do poema de Xavier. A imagem, ao mesmo tempo em que está destinada a perdurar no tempo também fica à mercê dele. Esta reflexão ecoa uma passagem do diário de Lúcio, por ocasião da escritura de um poema sobre o vento:

É verdade que reciamos tudo, que levantamos continuamente novas expressões de vida, que inauguramos sem descanso manifestações destinadas a perdurar, levados pelo nosso anseio de fazer permanentemente alguma coisa, um nome, uma coluna, um teto de igreja [...] (CARDOSO, 2012, p. 265)

A capacidade criativa é o índice da força demiúrgica, uma característica da poesia, mas também de todos os poetas. É a partir dela que Lúcio Cardoso estabelece uma comparação entre Elcio Xavier e o poeta Augusto Frederico Schmidt, posto que “para ambos, o poeta, destinado a uma missão superior, possui um caráter excepcional e divino”. À guisa de comparação, observemos os tercetos de um soneto de Schmidt, que também apreende a poesia a partir de seu núcleo criador:

Só aspiro poesia. Poesia
E silêncio. No mundo fechado,
No escuro do tempo.

A luz da poesia é como a semente
Que na terra morre e logo apodrece,
E na vida renasce em flores e frutos³².

(SCHMIDT, 1995, pp. 602-603)

Lúcio termina sua resenha reiterando o lugar deslocado que a figura do escritor ocupa na sociedade, valorizando em Elcio Xavier a capacidade por ele demonstrada em seu livro de estreia de reconhecer que o destino do poeta é atravessado pelo sofrimento; mesmo assim, é seu único destino possível: “Renegá-lo seria trair o que de mais íntimo e belo existe dentro de si. Renegá-lo seria mutilar uma personalidade que nunca poderia vicejar amplamente noutros terrenos da vida”.

2. DEPOIMENTO DE ELCIO XAVIER

Durante o trabalho de pesquisa para a realização deste artigo, buscamos mapear as possíveis contribuições de Lúcio Cardoso para a *Revista Branca*, encontrando na bibliografia anotada de Érsio Macedo Ribeiro a indicação de um texto crítico intitulado “O véu da manhã”, resenha de um livro de Elcio Xavier. Ao buscar informações sobre este autor na internet, chegamos a um blog chamado “O Norte Fluminense”, destinado a veicular notícias da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, município que faz divisa entre o estado do Rio de Janeiro e o Espírito Santo. Dirigido por Gino Martins Borges Bastos, o site traz diversas informações sobre Elcio Xavier, um dos cidadãos ilustres do município, chegando mesmo a transcrever parte da resenha que Lúcio Cardoso publicou na *Revista Branca*³³.

³² Com o título de “Soneto”, foi publicado em *O caminho do frio*, de 1964. A referência se encontra na bibliografia.

³³ O blog pode ser acessado no endereço: <http://onortefluminense.blogspot.com/>. Cf. “De Xavier para Xavier”. Disponível em: <http://onortefluminense.blogspot.com/2012/03/de-xavier-para-xavier.html>. Acesso: 30 nov. 2018.

Por intermédio de Gino descobrimos que Elcio Xavier, hoje com 98, continua residindo no município, possuindo cinco edições impressas da *Revista Branca* que foram doados ao acervo público local. Além de nos disponibilizar parte do material digitalizado, especialmente a resenha de Lúcio Cardoso, recebemos também um depoimento gravado em áudio em que Elcio Xavier rememora brevemente o grupo que se constituiu em volta da *Revista Branca*, e seu encontro com Lúcio Cardoso³⁴. Passamos agora a transcrição do depoimento de Elcio Xavier:

Em poucas palavras, eis minha opinião sobre a *Revista Branca*.

Fundada em 1948 por um grupo de jovens alunos da Faculdade Nacional de Filosofia, sob a liderança dos escritores Saldanha Coelho e Bráulio do Nascimento³⁵, congregou durante a sua existência, uma plêiade de jovens escritores, entre os quais Alberto da Costa e Silva³⁶, Oswaldino Marques³⁷, Darcy Damasceno³⁸, Renard Perez³⁹, E. C. Caldas⁴⁰, Fausto Cunha⁴¹, onde me incluo com grande prazer.

Em certa ocasião, Saldanha adquiriu um prelo manual e sob minha orientação, que tinha noções de tipografia, editou vários livros em linguagem reduzida, entre os quais, cito: *Cravo bem temperado*, de Oswaldino; *O parque [e outros poemas]*, de [Alberto] da Costa [e Silva], *Rosaquarium*, de minha autoria. A *Revista Branca* foi de extremo valor para a literatura brasileira nas décadas de 1950 e 1960.

³⁴ Agradeço a atenção e disponibilidade de Gino Martins Borges Bastos, que durante dias pesquisou no acervo local as edições existentes da *Revista Branca*, nos encaminhando uma versão digitalizada, além de nos encaminhar o áudio contendo o depoimento do escritor Elcio Xavier. Para mais informações sobre o escritor, consultar o já referido blog, “O Norte Fluminense”. Agradeço também ao escritor Elcio Xavier, pela gentileza de nos conceder o depoimento.

³⁵ Bráulio do Nascimento nasceu em João Pessoa (PB), em 22 de março de 1924. Foi professor, jornalista, crítico literário e folclorista, especializando-se em romances e contos populares. Fundou e coeditou a *Revista Branca*, atuando também como redator de diversos outros periódicos. Organizou a *Bibliografia do Folclore Brasileiro* (Biblioteca Nacional, 1971). É autor, dentre outros, de *Processos de variação do romance* (UFPB, 1964) e *Estudos sobre o romancista tradicional* (2004). Faleceu em 26 de setembro de 2016.

³⁶ Alberto Vasconcellos da Costa e Silva nasceu em São Paulo (SP), em 12 de maio de 1931. É poeta, ensaísta, memorialista e historiador especializado em na cultura e na história africana. Membro da Academia Brasileira de Letras, é autor, dentre outras, de *A enxada e a lança: a África antes dos Portugueses* (Nova Fronteira, 2017), *A África explicada aos meus Filhos* (Nova Fronteira, 2008), *Ao lado de Vera* (Nova Fronteira, 1997, vencedor do Jabuti de poesia) e *Poemas reunidos* (Nova Fronteira, 2012).

³⁷ Oswaldino Ribeiro Marques nasceu em São Luís do Maranhão (MA), em 17 de outubro 1916. Foi professor de Teoria da Literatura na UnB. É autor, dentre outros, de *Poemas quase dissolutos* (1946), *Cravo bem temperado* (1952), *Usina de sonho* (1954), *A dançarina e o horizonte* (1977) e *Livro de sonetos* (1986). Faleceu em 13 de maio de 2013.

³⁸ Darcy Damasceno dos Santos nasceu em Niterói (RJ) em 2 de agosto de 1922. Em 1947, participa da fundação da revista Orfeu (1947-1953), ao lado de Lêdo Ivo, Darcy Fred Pinheiro, Bernardo Gersen e Fernando Ferreira de Loanda, publicação que iria reunir grande parte dos escritores integrantes da chamada Geração de 45. De sua produção destacam-se *Poemas* (1946); *Fábula Serema* (1949); *Outros Poemas* (1958). Traduziu *O Cemitério Marinho* de Paul Valéry (1949). Faleceu em 1988.

³⁹ Renard Perez nasceu em Macaíba (RN) em 1928. É autor de *O beco* (1952), *Os sinos* (1954) e *Irmãos da Noite*, 1979. Integrou, ao lado de Fausto Cunha e Samuel Rawet, o grupo Café da Manhã, coordenado por Dinah Silveira de Queiroz Faleceu em 2 de agosto de 2015.

⁴⁰ Erasmo C. Caldas foi um crítico literário, tradutor e dramaturgo. Publicou, pela editora da Revista Branca, os livros de poemas *O primeiro mistério* (1952) e *Origem* (1953). Consta de sua produção também o livro de ensaios *A poesia e a época*, e a peça *O berço de ouro*. Apesar dos esforços, não conseguimos localizar mais informações biográficas do autor.

⁴¹ Fausto Fernandes da Cunha nasceu em Recife (PE) 1923. Crítico literário, de sua produção destacam-se *A luta literária* (1964), *Aproximações estéticas do onírico* (1967) e *Situações da ficção brasileira* (1970), além das obras de ficção *As noites marcianas* (1960) e *O dia da nuvem* (1980). Faleceu em 2004.

A respeito de Lúcio Cardoso, muito queria dizer se o tempo permitisse. Era excepcional, excêntrico e grande escritor. Autor de romances, novelas, dramas e poesia. Redigiu sem interrupção, em linguagem leve e clara, uma novela *Inácio*, de um só fôlego, em uma semana, numa velha máquina portátil. Empolgava-se por assuntos simples, nascido de uma conversa que o vento levava aos seus ouvidos.

Assim, nosso pequeno grupo reunido em um café de Ipanema, eu disse que viajaria a Bom Jesus [do Itabapoana], minha terra natal, numa curta viagem para minorar a saudade de minha noiva, Gedália. Lúcio aproximou-se e disse: – Estou informado que lá existe muitas capelas com vasto acervo de imagens. Posso acompanhá-lo?”.

Não tinha como recusar. Eu o hospedei na residência de meu avô e procurei meu especial amigo Delton de Mattos⁴² para acompanhá-lo. Delton desempenhou de maneira brilhante meu pedido, ocupando o visitante em tempo integral até o embarque de regresso ao Rio de Janeiro. É necessário esclarecer que Delton, escritor, jornalista, tradutor, administrador, necessita ser lembrando quando se fala de Lúcio Cardoso, pois tornaram-se amigos.

Delton é uma grande figura que teve uma vida superlativa. Fundou em São Paulo a revista Alliance, da Aliança Francesa; foi professor da USP e da Universidade de Brasília; redator do Estadão; professor da Universidade de Heidelberg, na Alemanha; secretário de educação do Estado do Rio de Janeiro, onde acaba de ser homenageado pelos belos serviços prestados à educação.

Cumprе destacar que não encontramos nenhum registro nos *Diários* de uma viagem realizada por Lúcio Cardoso a Bom Jesus do Itabapoana. Lúcio, no entanto, gostava de viajar, sobretudo para as cidades do interior do país, encontrando nelas a matéria e as linhas de força sua produção poética e ficcional. Durante uma viagem a Penedo, realizada em agosto de 1950, ele anota em seu diário suas impressões de viagem: “À medida que o Brasil se afasta para o interior, sua alma se torna mais forte e mais positiva”, lembrando que foi no interior de seu estado natal, Minas Gerais, que ele viu “[...] se erguer mais alto e mais cheio de grandeza o espírito da nossa gente”. (CARDOSO, 2012, p. 297). Estas impressões não devem ser tomadas como evocação bucólica ou apelo passadista; de fato, à medida que viaja pelo interior de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, Lúcio vai sendo tomado pelo sentimento de tristeza e melancolia. “E assim tão desamparado, como o Brasil me parece uma realidade ao alcance de todas as previsões!” (CARDOSO, 2012, p. 317).

A “imagem obsedante” de um casarão que avistou em Penedo ressoou por muito tempo em sua imaginação e serviu de base para a criação da Chácara dos Meneses, protagonistas da *Crônica da casa assassinada*, romance ambientado na cidade ficcional de Vila Velha. A construção de uma cidade ficcional, província esquecida situada na Zona da Mata Mineira, seria o palco ideal onde se moveriam seus personagens atormentados, seres de exceção marcados pelo

⁴² Delton de Mattos da Silva nasceu em Bom Jesus do Itabapoana (RJ). Tradutor e professor, defendeu seu doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Alemão da USP em 1960, com a tese *A primeira parte do Fausto, de Goethe: uma tentativa de interpretação através do estudo da forma*, além de organizar obras sobre o estudo da tradução.

dilaceramento da interioridade. Assim Lúcio imagina a sua cidade, palco dos tormentos dos Meneses e de diversos outros personagens:

O panorama é o de uma cidade, uma cidade inteira (...). Imagino que nessa cidade as paixões rivais se entrecrocavam sem descanso; enquanto os idílios antigos esmorecem no esquecimento ou se transformam em inapeláveis rancores, os novos repontam, e se desenvolvem à sombra dos jardins que nunca cessam de florescer. As lutas se sucedem e, num ritmo largo, se bem que acelerado, o mesmo vento de insânia e crueldade percorre as suas páginas. [...] Através da cidade, o mito de um país agonizante. Nessas lutas sem tréguas, a descrição de sentimentos envenenados que corroem o espírito desse país, que o torna inerte e sem viço para o futuro. (CARDOSO, 2012, p. 334).

3. OS TRÊS POEMAS “AGORA”

Passemos à leitura e análise do poema “Agora”, publicado no número de estreia da *Revista Branca*, no ano de 1948 (fazendo, portanto, um recuo no tempo). Cabe ressaltar que “Agora” ainda permanece como poema inédito, ausente da *Poesia completa*, edição crítica organizada de forma magistral por Écio Macedo Ribeiro e publicada em 2012 pela Editora da Universidade de São Paulo. A ausência do poema talvez possa ser explicada primeiramente em decorrência da dificuldade de se encontrar em acervos e bibliotecas os volumes originais da *Revista Branca*, mas talvez também devido ao fato de outros dois poemas com o mesmo título aparecerem na edição crítica.

O primeiro deles veio a público em *Poemas inéditos*, de 1982. Segundo o comentário crítico de Écio Macedo Ribeiro, “Agora” possui duas variantes, hoje situadas no Arquivo Lúcio Cardoso da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. A primeira é o ms 148, datiloscrito que apresenta rasuras e emendas à tinta azul (CARDOSO, 2011, p. 86). A segunda é o ms 239, que apresenta seis poemas escritos à lápis: “O rio”, “O paredão”, “Fim de carta”, “Praia”, “Agora” e “Chuva”; todos foram incluídos por Octávio de Faria em *Poemas inéditos* (embora não na sequência apresentada no manuscrito). Passemos à leitura deste primeiro poema:

Agora

Ó felicidade de ser nesta hora fixa
a luminosa forma de um sonho;
talvez a vida, quem sabe, não passasse
desse esquecimento e dessa ausência de luta.

Eu sei, a luz nunca demora.
Há um estágio marcado para as festas.
Mas se ainda me vejo capaz dessa ambição,
que importa, o que é, que importa,
se efêmero sou mais forte
do que tudo o que eterno
é sempre em mim?⁴³

Na primeira estrofe a voz lírica experimenta sua angústia de viver como uma ambição de converter-se ela própria em um estado onírico, a “luminosa forma de um sonho”. O sonho funcionaria como uma espécie de amortecimento da vida, por ser capaz de provocar o “esquecimento” e por caracterizar-se como “ausência de luta”. Impossibilitado de aceder a este plano, na segunda estrofe o eu lírico encontra-se diante do par antitético efêmero/eternidade, questionando-se se a sua força viria não daquilo que o ultrapassa, mas justamente do que lhe é mais contingente. A contingência aqui é marcada pelo reconhecimento da transitoriedade da luz, que “nunca demora”, confirmando que a centelha fulgurante da iluminação jamais se converte em estado permanente ou duradouro.

Passemos agora a leitura do próximo poema intitulado “Agora”, que permaneceu inédito até a publicação da edição crítica e foi incluída por Ribeiro na seção “Poemas Póstumos” de *Poesia completa*, correspondendo ao texto do ms 547, que também apresenta rasuras e emendas à lápis (CARDOSO, 2011, p. 668).

Agora

Agora a tristeza é maior.
As montanhas se iluminam num sistema azul
e as ilhas da madrugada se levantam.
É terrível ser vida, como o perfume que é chama,
como a água, que é música.
Ressuscitam vagas da tua essência marítima,
como asas e claves desconhecidas.

A minha febre estremece as épocas.
Sou múltiplo e lento na conquista.
Deste mar entrevisto num salto
sinto apenas erguer-se a lua,
alta e em sangue no exílio das marés.

⁴³ Realizamos a transcrição do poema a partir da edição crítica de Ésió Macedo Ribeiro, e não a de Octávio de Faria. A escolha de assim transcrever o poema se deve ao fato de que Ribeiro fez um estudo minucioso do arquivo de Lúcio Cardoso, valendo-se de amplo conhecimento teórico advindo da crítica textual e genética, daí a nossa preferência em citar tal como aparece na edição de *Poesia completa*. Os movimentos escriturais do poema, indicativos do processo de criação de Lúcio Cardoso, podem ser consultados nesta edição crítica. Cf. CARDOSO, Lúcio. *Poesia completa*. Edição crítica de Ésió Macedo Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2011, p. 432.

Jamais pronunciarei a vertigem do teu nome,
jamais morderei no teu peito o sal do olvido,
jamais morrerás em mim como um cipreste.
És nítida, talvez, como a lâmpada suspensa
à cabeceira do agonizante.
Pauta de música alucinada,
sinto o furor cobrir a tua imagem
na distância em que agora te contemplo.

Lido em conjunto com o primeiro poema homônimo, este possui certos pontos de afinidade com aquele, na medida em que a dimensão lírica também parece privilegiar a angústia do eu, que enuncia já no primeiro verso sua condição de tristeza – condição que ultrapassa a sondagem introspectiva e se desdobra nas imagens da natureza, muitas vezes de construção paradoxal. A reflexão existencialista também comparece nos dois poemas, sendo que neste último a impossibilidade de se qualificar a “vida” é realçada pelas construções comparativas sinestésicas (perfume/chama, água/música).

O eu lírico parece desdobrar-se em um tu, esforçando-se por apreender o eterno no instante significativo, condensado em imagens carregadas de sensações, como as comparações entre elementos aquáticos (a “essência marítima”) e inquietantes (“és nítida, talvez, como a lâmpada suspensa / à cabeceira do agonizante”). O eterno é como o mar, vastidão “entrevista num salto”. À luz deste poema, a afirmação de Mario Carelli sobre a obra poética cardosiana mostra-se acertada: “Lúcio Cardoso procurou sua voz em uma poesia de ritmo amplo, fecundada por imagens fulgurantes e portadora de inquietudes existenciais” (CARDOSO, 1991, p. 8)⁴⁴.

Cumprido destacar que a palavra “agora”, que dá título aos dois poemas, parece ter em ambos uma função predominantemente substantiva, servindo de ponto de apoio para pensar a condição do eu lírico no tempo presente (a “hora fixa” do primeiro poema, o nome incomunicável, do segundo). O tempo verbal do presente é explorado na sua dimensão atemporal, apreendido nas imagens que se sucedem umas às outras sem permanecer, culminando no uso anafórico do advérbio “jamais” e do tempo futuro na última estrofe, tentativa da voz lírica de se agarrar no instante fugidivo, no futuro que se torna presente e que imediatamente vira passado, assegurando assim a sua duração e permanência.

Por fim, passemos à leitura do terceiro poema “Agora”, este publicado na *Revista Branca*.

Agora

⁴⁴ No original: “Lúcio Cardoso a cherché as voie dans une poésie d’un rythme ample, fécondée par des images fulgurantes et porteuse d’inquietudes existentielles”. Tradução nossa.

Fostes virgem agora
quando, o olhar descendo à visão do declínio,
viste, mais forte do que o teu desprezo,
o sol da redenção.
Jamais a pureza criou no teu ser
uma vida mais forte
e nem o sangue escorrendo
molhou flores mais altas
no deserto chamado.

Nem as estrelas, nem os sonhos
Poderiam crisar mais loucamente a tua memória.
Nem a voz surgiria mais viva
a chamar no silêncio.
Solene e franca ante o desastre,
só a noite parecia atenta à tua voz,
ó estrela do pastor, sorriso amanhecendo!

Mais hermético do que os outros dois e profundamente sensorial, é a partir do conjunto das imagens advindas da iconografia cristã que buscaremos nos apoiar para a realização da leitura e da interpretação deste poema de Lúcio Cardoso. O poema é construído em duas estrofes, contendo dezesseis versos livres e de métrica ampla, sem rimas. Nos quatro primeiros versos, o eu lírico dirige-se a um vós, oculto no verbo que abre o primeiro verso e que está preso em um instante paradoxal, situado entre o presente (“agora”) e o passado (“fostes”). Além do desinvestimento da função temporal, a forma verbal encerra também uma ambiguidade, podendo ser lida como o pretérito perfeito tanto do verbo ser, quanto do verbo ir, o que acarreta confusão entre movimento e estado da alma.

Contemplado pelo “vós”, é a imagem do “sol da redenção”, presente na primeira frase do poema (equivalente aos quatro primeiros versos), que melhor organiza as construções metafóricas dos demais versos. Na tradição cristã, o sol da redenção simboliza o anúncio da chegada de Cristo, cujo sacrifício pela imolação será capaz de libertar o homem dos males e sofrimentos, salvando a sua alma. Assim, encontraremos a imagem da Virgem que perpassa os versos cinco e seis, uma Maria expectante de um ser que é só “pureza”, gerando em seu ventre uma “vida mais forte”. Os dois versos seguintes, com a imagem do “deserto chamado” e do “sangue escorrendo” fundem em uma única frase a anunciação e a paixão, o nascimento e a morte.

Esta primeira estrofe pode ser lida como interpretação poética de um tema caro da pintura sacra medieval e renascentista, a Anunciação. A anunciação entrará para o calendário litúrgico católico na data de 25 de março e foi uma tópica frequente na arte cristã, sendo trabalhada por pintores como Botticelli, Leonardo da Vinci, Caravaggio, Giotto e Giovanni,

dentre muitos outros. Narrada no Evangelho de São Lucas (1:26-38), o anúncio da chegada de Cristo foi feito à Maria pelo anjo Gabriel, portador das boas novas que no sexto mês da gravidez de Isabel (prima de Maria e mãe de João Batista) apareceu em Nazaré, conclamando Maria a se alegrar. O anjo, que trata Maria pelo vocativo “cheia de graça”, anunciou que Maria conceberia em seu seio um filho de nome Jesus.

Um quadro em particular merece ser aqui analisado, por conter mais de um elemento que dialoga com o poema de Lúcio Cardoso: a *A Anunciação*, de Fra Angelico⁴⁵.



O retábulo de Fra Angelico pode ser dividido em três partes (os pórticos contribuindo para a segmentação da cena). Na primeira, situada mais à direita, Maria aparece sentada, com os braços

⁴⁵ A obra, que teria sido pintada entre 1425 e 1426, faz parte do acervo do Museu do Prado, na Espanha. Tempera sobre madeira, 190,3x191,5 cm. Há ainda outros dois quadros dedicados à anunciação pintados por Fra Angelico. A primeira, conhecida como “A anunciação de Cortone”, está situada no Museu Diocesano de Cortone, na Itália; a segunda, no Museu da Basílica de Santa Maria da Graça, na região de Toscana, também na Itália. Cf. <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-anunciacion/9b02b6c9-3618-4a92-a6b7-26f9076fcb67>. Acesso em 30 nov. 2018.

cruzados sobre a barriga e o livro das escrituras apoiado na sua perna, denotando fé e contrição. A cena central é dedicada ao Arcanjo Gabriel; com o corpo inclinado para frente e as mãos também cruzadas sobre o peito, ele comunica à virgem as boas novas. Por fim, à esquerda temos a representação do pecado original, figurado na expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden. Um feixe de luz atravessa a cena, da esquerda para a direita, de cima para baixo, incidindo diretamente sobre Maria. Contido no feixe e aproximando-se de Maria, uma pomba branca, simbolizando o Espírito Santo e a concepção imaculada. Num movimento transversal, o feixe de luz atravessa os tempos, partindo do pecado original e indo até a anunciação da vinda do Redentor.

Pecado, anunciação e redenção. A narratividade do quadro de Fra Angelico também pode ser observada no poema de Lúcio Cardoso. Arquitetado como um díptico composto de duas orações (à semelhança dos retábulos em madeira, muitos construídos como dípticos ou trípticos), a primeira estrofe figura o sol da redenção atravessando a “visão do declínio” (podendo ser interpretado como o mito da queda) e o “desprezo”. Seguida do momento da concepção, os três últimos versos contêm um deslocamento temporal, apresentando a tentação no deserto (que também indicam o anseio de comunicação com Deus), bem como a crucificação, sacrifício que assegurará a redenção. A imagem do “sangue escorrendo” que jamais molhou “flores mais altas”, cristaliza, na imagem das flores de sangue, o símbolo da paixão de Cristo, que aponta por sua vez para a ressurreição.

A partir do quinto verso da primeira estrofe e ao longo de toda a segunda, a segunda pessoa do plural é substituída pela segunda pessoa do singular. As partículas comparativas de negação (jamais/mais, nem/mais) estabelecem a ligação entre as duas estrofes, mas aqui já fica difícil situar o sujeito da emoção poética, aquele que terá a sua *memória crispada loucamente*. No poema, ocorre um deslizamento da narrativa bíblica para a sondagem introspectiva de um eu desdobrado em tu, uma voz a “chamar no silêncio”. Assim, se a imagem de Maria transparece na primeira estrofe, essa imagem vai aludir também neste eu lírico que se desdobra em um tu.

Os versos doze e treze ecoam o “deserto chamado”, aludindo a uma tópica recorrente no Velho e no Novo Testamento, a voz de Deus que surge viva a “chamar no silêncio”⁴⁶. Por fim,

⁴⁶ Podemos evocar aqui a leitura de Eric Auerbach do episódio do sacrifício de Isaac por seu pai Abraão. Abraão ouve a voz de Deus a lhe chamar, respondendo imediatamente: “- Eis-me aqui”. Auerbach, comparado a narrativa bíblica com a Odisseia, de Homero, pergunta-se: “[...] este princípio nos deixa perplexos, quando viemos de Homero. Onde estão os dois interlocutores? Isto não é dito. Mas o leitor sabe muito bem que normalmente não se acham no mesmo lugar terreno, que um deles, Deus, deve vir de algum lugar, deve irromper de alguma altura ou profundidade no terreno, para falar com Abraão”. Auerbach conclui que, ao responder a voz que chama, Abraão não faria a indicação de um lugar físico, mas de um “lugar moral em relação a Deus que o chamara”. Cf. AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

nos três últimos versos há uma oposição entre noite e dia, apontando para uma espécie de comunicação no escuro. À noite, atenta à voz que chama no silêncio, testemunha “solene e franca” o desastre, que é sentido como uma concretização do destino. Imagem também hermética, a “estrela do pastor” pode tanto se referir ao planeta Vênus, quanto a Constelação do Pastor, constituindo a certeza manifesta de um destino profundo, sentido como sina e predestinação⁴⁷.

Por fim, observamos que neste poema de inspiração bíblica, a busca pelo essencial é realizada a partir das imagens, que estabelecem uma relação entre a narrativa cristã e o que é apreendido pela sondagem comparativa ou interior. O poema não parece se perder em uma transcendência vazia ou estabelecer a conversão cristã como uma finalidade, mas justamente consegue se realizar plenamente porque aponta para uma forma de experimentar um tema, o que significa também uma forma de trabalhar determinada emoção.

Eixo que articula os três poemas, a palavra “Agora” condensa a tentativa de apreender o eterno no instante inominável (“o que é, que importa”, do primeiro poema; a impronunciável “vertigem do teu nome”, do segundo; o “sorriso amanhecendo”, do terceiro). Na brevidade das coisas fugidias, vislumbra-se aquilo que é perene, a abertura para a eternidade, que coloca o sujeito finito em contato com aquilo que o transcende.

Cada um dos poemas se vale de construções rutilantes para dar conta deste breve-eterno paradoxal, apontando para formas diversas de realizações de uma mesma tópica. No primeiro poema, “a luz que nunca demora”, reforça a transitoriedade das coisas: o sujeito rebela-se a esse escoar do tempo, perdurando justamente ao aceitar-se efêmero. No segundo poema, a nitidez da “lâmpada suspensa à cabeceira do agonizante”, aponta para os tempos da vigília, aproximando o tempo do mito que se comunica através das distâncias. Por fim, “o sol da redenção”, atravessa a História, num movimento que culminará na redenção, entendida como libertação da condição transitória, o sujeito finito gestando o infinito em si.

4. CONCLUSÃO

O poema de Lúcio Cardoso situa-se entre dois momentos da poesia moderna brasileira, momentos esses que por vezes se confundem: a poesia ligada ao catolicismo dos anos 30, cujos

⁴⁷ Lembrando que Drummond também faz referência à Constelação do Pastor no seu poema “Oficina irritada”, do livro *Claro enigma*, de 1951. Na interpretação de Vagner Camilo, Arcturo, a estrela mais brilhante desta constelação, simbolizaria a consciência vigilante. Cf. CAMILO, Vagner. *Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

autores podemos citar Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes; e a poesia da Geração de 45, já sentido pelo rigoroso trabalho com as imagens, pela construção hermética do poema e pelo tom solene.

O poeta Lúcio Cardoso ainda está à procura de leitores, convidados a penetrar numa atmosfera densa, marcada pela angústia e pelo sentimento do trágico, características que já são familiares para o leitor de sua prosa – mas também para descobrir novos influxos na sua produção estética. Se podemos ler a sua obra em verso a partir de imagens recorrentes advindas de sua prosa, por que não também fazer o caminho inverso? O polígrafo Lúcio Cardoso mostra-se cada vez mais ao pesquisador uma fonte que não seca, composto por uma série de veredas que formam o caudaloso rio de sua expressão artística.

Se a participação do autor na *Revista Branca* foi tangencial, com a contribuição de apenas dois textos, a descoberta do poema “Agora” e a leitura de sua resenha crítica “O véu da manhã” permitiu-nos olhar com novos olhos para a sua produção em verso, para os fatos ainda por se descobrir de sua biografia pessoal e intelectual e, como atesta o depoimento de Elcio Xavier, para a memória viva da poesia moderna brasileira.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. Lúcio Cardoso. *Folha de São Paulo – Folha Ilustrada*. São Paulo, 3 de dezembro de 1960 - p. 2. Disponível em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1960/12/03/21/>. Acesso em 30 nov. 2018.

CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas de Ézio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Inácio*. Tradução de Mario Carelli. Paris: Éditions Métailié, 1991.

_____. O véu da manhã. *Revista Branca*. Rio de Janeiro, dezembro de 1951, p. 3.

_____. *Poesia completa*. Edição crítica de Ézio Macedo Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. *Poemas inéditos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Close-Up. *A manhã*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1949. Suplemento Jornal dos Novos, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/331155/per331155_1949_00092.pdf. Acesso: 2 dez. 2018.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RIBEIRO, Ésio Macedo. *O riso escuro ou O pavão de luto: um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso & Bibliografia anotada*. São Paulo: Nankin; Edusp, 2006.

SCHMIDT, Augusto Frederico. *Poesia completa (1928-1965)*. Rio de Janeiro: Topbooks; Faculdade da Cidade, 1995.

Recebido 10/11/2018.

Aceito 21/12/2018.